



Cira Arqueologia

N.º 6



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira



Cira Arqueologia

N.º 6



**Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira**
www.cm-vfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira

Revista Cira Arqueologia n.º 6

O Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira - CEAX, tem vindo a pautar desde a sua criação por uma dinâmica singular, que nos apraz. Essa dinâmica, plasma-se em diversos cenários que não só os costumeiros palcos das poeirentas escavações. Não que estes tenham algo de mal em si, mas importa sublinhar que para além dos imperiosos trabalhos de campo quer em contexto de obras de renovação e a reabilitação do tecido urbano do município Vilafranquense, quer de projetos de investigação, nunca foi descuidado o papel da ciência arqueológica e da Museologia quer no estudo e publicações quer na realização de exposições e ações de divulgação junto dos públicos do Museu Municipal.

O Museu assume assim a sua função, não só de colector passivo de objectos a organizar em tipologias e a arrumar nas prateleiras, mas como agente social, pautando e interagindo com a comunidade. Entendemos assim, o património como recurso singular para a inclusão social e económica das comunidades perante um caminho de desenvolvimento sustentável. Um excelente exemplo desta atuação é o sítio de Monte dos Castelinhos, e suas ruínas romanas de cuja existência e relevância histórica e patrimonial a população tem vindo a assumir e interiorizar com orgulho como suas.

A edição do sexto volume da Revista CIRA Arqueologia é um momento de contentamento, pois vem uma vez mais sublinhar o papel da centralidade do território de Vila Franca de Xira, no quadro do Vale do Tejo e da península de Lisboa. Com os seus onze artigos e mais de duzentas páginas de produção de conhecimento, confirmam a aposta do Município nesta publicação e é a prova que também em meio autárquico é possível trabalhar em prol da ciência.

A VEREADORA DA CULTURA

MANUELA RALHA

Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Rua Serpa Pinto, 65
2600-263 Vila Franca de Xira
Tel.: 263 280 350

museumunicipalvfxira@cm-vfxira.pt
www.museumunicipalvfxira.pt
www.cm-vfxira.pt



Cira Arqueologia

N.º 6



**Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira**
www.cm-vfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira

➤ Pelo Tejo acima: dois séculos de porcelana em Vila Franca de Xira

JOSÉ PEDRO HENRIQUES (IAP-FCSH – JPEDRO.HENRIQUES@GMAIL.COM)

TÂNIA MANUEL CASIMIRO (IHC/IAP-FCSH – TMCASIMIRO@FCSH.UNL.PT)

RESUMO

A intervenção arqueológica realizada no número 65 da Rua Serpa Pinto, onde hoje funciona um dos pólos do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, permitiu a descoberta de algumas lixeiras de cariz doméstico datadas entre os finais do século XVI e o século XVIII. Associados a esses depósitos foram encontrados cerca de três de dezenas de objectos em porcelana chinesa com diversos estados de fragmentação. A análise das peças revelou que se tratam de importações ocorridas ao longo de 200 anos, demonstrando o consumo dos habitantes daquela área urbana, bem como que tipo de objectos utilizados no quotidiano.

ABSTRACT

The archaeological excavation made in 65, Rua Serpa Pinto, where nowadays the Vila Franca de Xira museum is located led to the discovery of several dumpsters filled with domestic garbage dated from the late 16th to the 18th century. Inside these deposits more than three dozen Chinese porcelain objects were found. The study of the objects demonstrates that these were imported during two centuries revealing the type of objects and consumption made by Vila Franca inhabitants in the Early Modern Age.

Introdução

O sítio arqueológico identificado no número 65 da Rua Serpa Pinto, antiga Rua da Ribeira, foi alvo de uma intervenção arqueológica no ano de 2002 no âmbito da recuperação de edifício da segunda metade do século XVIII com o objectivo de ali funcionar parte do Museu de Vila Franca de Xira. A intervenção arqueológica, levada a cabo pela empresa Crivarque, efectuou o acompanhamento e escavação de diversas áreas.

A história do edifício é parcialmente conhecida. O desembargador Diogo Baracho, membro de família com diversos edifícios em Vila Franca a si associados, mandou edificar aquela casa após o Terramoto de 1755, tendo sido alvo de diversas alterações desde então. Desconhece-se se a propriedade pertencia já à sua família ou se foi adquirida após o cataclismo. A casa, organizada numa estrutura com três naves nunca foi terminada ainda que no seu interior tenha sido edificada a capela de Nossa Senhora do Carmo, por onde se efectuava a entrada.

O que existia previamente no local não é conhecido, mas é provável que ali existissem outras casas, cujos restos estruturais foram reconhecidos aquando da intervenção arqueológica. Em boa verdade a estrutura tripartida deste novo empreendimento sugere que ali pudessem ter existido três diferentes lotes, compridos e estreitos, ao exemplo de diversas

casas que se conhecem para o resto do país obedecendo a esta morfologia e recorrentes desde o final da Idade Média (Cunha, 2006; Barbosa, Casimiro e Manaia, 2009). É possível que a casa edificada no período pós-terramoto se tenha adaptado e respeitado a existência de três lotes mais antigos.

A escavação arqueológica permitiu a descoberta de diversos contextos, possíveis de datar entre os séculos XVI e XVIII. Associados a estes níveis foram recuperados diversos elementos de cultura material sendo o espólio cerâmico, como expectável, o mais abundante. A maior parte dos objectos parece ser de produção local ou regional, destacando-se as produções de Lisboa, tal como a faiança e a maioria da louça vermelha. Associados a estas produções, depositadas em contextos diversos, foram recuperados alguns fragmentos de porcelana chinesa que podemos balizar entre a primeira metade do século XVI e a primeira metade do século XVIII retratando cerca de 200 anos de consumo.

Ainda que apenas parte desta porcelana tenha sido associada a contextos arqueológicos seguros, visto alguns dos objectos estão relacionados a recolhas de superfície ou de peças associadas a zonas de entulhos e revolvimentos, acreditamos que grande parte foi usada pelos ocupantes de pelo menos uma das casas que ali existiam anteriores ao século XVIII. A maior parte das porcelanas é proveniente dos contextos designados como áreas 1 e 7. Se olharmos com atenção para a planta da intervenção arqueológica aquelas duas áreas encontram-se associadas apenas a um dos três possíveis lotes o que nos leva a acreditar que pertencessem todas à mesma habitação (Fig. 1). Os contextos deposicionais nas quais foram exumadas foram classificados como lixeiras formadas algures nos finais do século XVII, datação obtida sobretudo através das faianças ali encontradas. Da área 6 também foram retiradas alguns dos objectos aqui analisados, embora a reduzida dimensão da sondagem não permita concluir acerca da natureza da sua formação durante a segunda metade do século XVII, ou a que casa estaria associada.

É possível que grande parte das porcelanas encontradas nesta escavação pertencessem na sua maioria a esta propriedade. Como será discutido as peças em questão parecem corresponder ao que comumente se interpreta como o espólio de uma casa comum, não correspondendo de forma alguma às colecções que se conhecem dos palácios ou casas nobres ocupadas durante a segunda metade do século XVII em Lisboa (Henriques, 2012).

Ainda que a porcelana chinesa seja uma das categorias materiais de maior destaque dos contextos arqueológicos de época moderna em Portugal, recuperada literalmente em todas as intervenções desta época, associadas a diferentes classes sociais, muito ainda se encontra por fazer. Se tivermos em conta a quantidade de objectos encontrados nas escavações arqueológicas, poucas são as abordagens que se dediquem ao estudo da importância económica, cultural e simbólica destes objectos que Portugal importou em grande escala desde inícios do século XVI, fazendo do nosso país o primeiro grande consumidor do mundo ocidental. Quando o mesmo é efectuado pecam estes estudos, em muito devido à enorme quantidade de espólio recuperado, o que obriga à sua compartimentação, por não apresentar estudos comparativos com a restante cultura material demonstrando a verdadeira importância da porcelana nos contextos domésticos nacionais, tanto urbanos como rurais (Henriques, 2012; Gomes, Gomes e Casimiro, 2015; Casimiro e Henriques, 2017; Casimiro, Boavida e Moço, 2017; Ferreira et al., 2017). **FIG. 1**

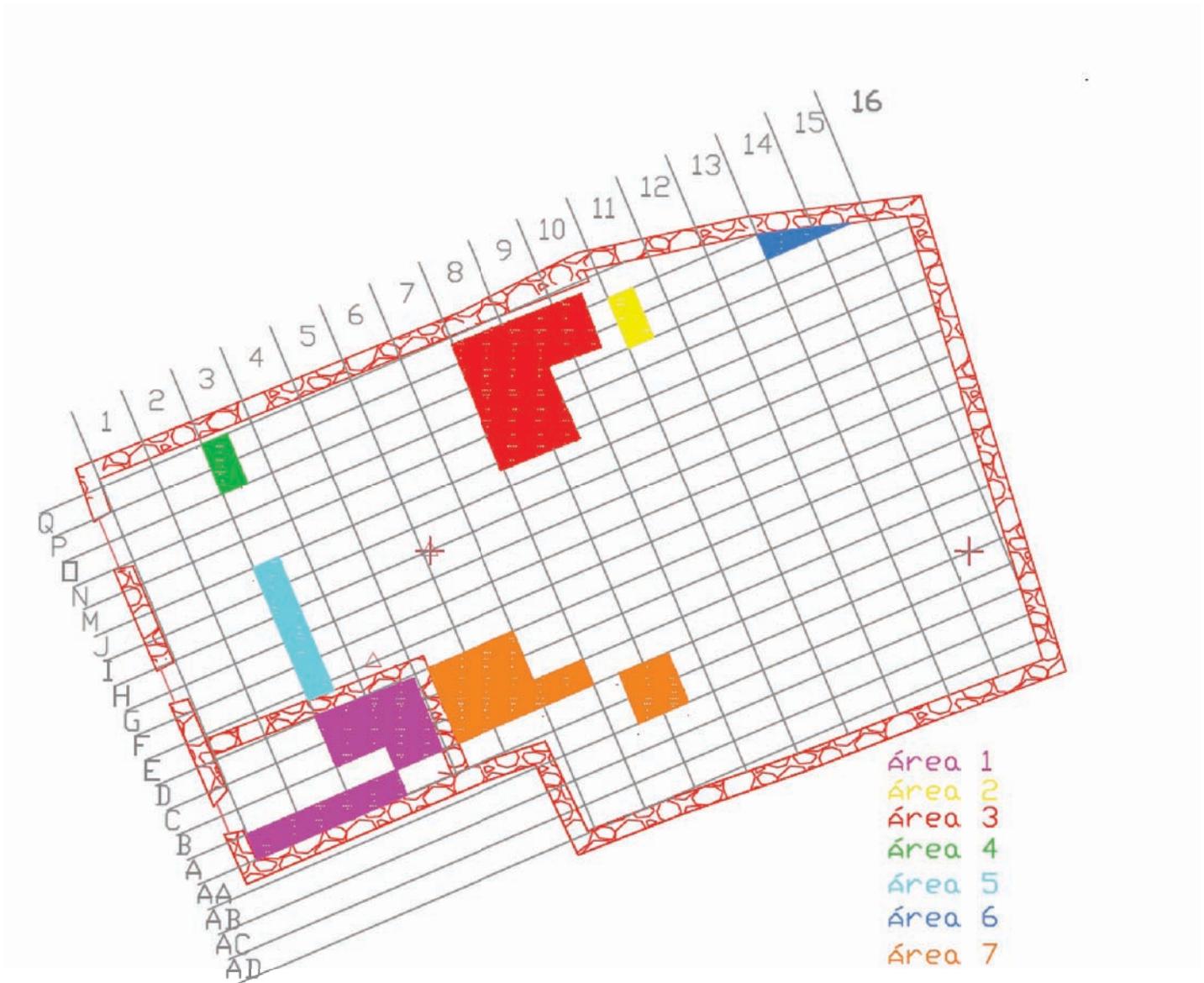


Figura 1
 Planta da escavação
 com referência às
 zonas escavadas (seg.
 Pinto e Santos, 2002)

As porcelanas

Este trabalho incide sobre o estudo de trinta e quatro objectos recuperados durante a escavação do já mencionado sítio. A colecção apresenta um elevado índice de fragmentação, sendo que, para a maioria dos exemplares, apenas dispomos de um fragmento que possibilita a sua caracterização formal, decorativa e cronológica. Morfológicamente os fragmentos correspondem a vinte e um pratos, dez a taças, um fragmento de tampa, sete fragmentos provavelmente pertencentes ao mesmo pires e uma chávena. Outros quatro fragmentos de menor dimensão, por não permitirem uma margem de certeza na sua classificação, foram excluídos deste estudo.

A cronologia alargada destes objectos faz com que os mesmos correspondam a produções efectuadas em duas diferentes dinastias e em diversos reinados.

A dinastia Ming

Neste conjunto, o exemplar de cronologia mais recuada corresponde ao fundo de um prato, de secção subtriangular ligeiramente reentrante, decorado com motivos fitomórficos no interior de medalhão central delimitado por duplo círculo (SP65-2586 – Fig. 2 A), onde apesar de não ser possível discernir a composição decorativa, pode-se atribuir a sua produção aos finais do primeiro quartel do século XVI e início do quartel seguinte, na transição do reinado do imperador Zhengde (1506-1521) para o longo reinado do imperador Jiajing (1522-1566). Um exemplar semelhante, mas de cronologia ligeiramente mais recuada, foi recuperado no Tejo, junto a Vila Franca de Xira (Casimiro e Henriques, 2017, 277, Fig.1C).

Ao longo do segundo quartel do século XVI a produção de porcelana chinesa para exportação conhece significativas melhorias quanto à qualidade da pasta, geralmente muito branca, associada a pintura bastante meticulosa e definida, como é bem evidente no conjunto dos exemplares produzidos ao longo do reinado do imperador Jiajing (1522-1566).

O pequeno fragmento de fundo de taça hemisférica com pé anelar, oferece parte do medalhão delimitado por duplo círculo decorado com pequenas nuvens estilizadas (SP65-7465 – Fig. 2 B). A zona que compõe a decoração central sugere a representação de uma figura antropomórfica. Composições decorativas semelhantes a esta foram recuperadas do remanescente do navio São Bento, que em 1554 naufragou em Msikaba, onde o motivo central é composto por uma águia ou por paisagens vegetalistas (Auret e Maggs, 1982, 30, Fig.29.1).

Também neste naufrágio surgem peças similares ao fundo de taça hemisférica com pé anelar, onde se observa parte do enrolamento do corpo de um dragão, geralmente conhecido por *xiangcao long* ou “dragão folha de orquídea”, símbolo da origem da vida e considerado um espírito do rio, que surge na China durante o século XIV associado à difusão do Budismo (SP65-6991 – Fig.2 C). Um exemplar semelhante foi recuperado na Fortaleza de Nossa Senhora da Luz em Cascais (Rodrigues, et al., 2012, 871 e 873, Fig. 3-35 e 4-46).

O fundo de prato de pé anelar e uma pequena tampa de fecho hermético que provavelmente pertenceu a um pote de pequena dimensão, ambos executados com pintura em azul de cobalto sobre o fundo branco com traços finos e bem delineados, apresentam a mesma temática decorativa, onde se observa um leão, símbolo da sabedoria de Buda e guardião da porta dos templos a brincar com uma bola de brocado (SP65-6206 e SP65-4155 – Fig.2 D,E). Um prato com o mesmo motivo foi recuperado no Largo do Coreto, em Carnide,

nos despejos utilizados para colmatar os silos de armazenamento de cereal ali identificados (Casimiro, Boavida e Moço, 2017, 59, Fig. 1-B), embora neste caso a decoração da aba sugira uma cronologia mais avançada para este exemplar.

Contemporâneo destes é o prato onde se observa o medalhão central, delimitado por duplo círculo, com a representação da pata de um dragão de cinco garras, símbolo do imperador por excelência, enquadra-se perfeitamente nas produções de meados e terceiro quartel do século XVI. A pintura da pata é bastante pormenorizada e executada com recurso a azul de cobalto de boa qualidade sobre pasta branca muito bem depurada, e representa de forma clara a elevada qualidade de alguns destes exemplares, como é atestado por um prato com decoração muito semelhante recuperado no Terreiro do Paço em Lisboa (Ferreira et al., 2017, 464, Est.1).

Regularmente exportados para o sudeste asiático e para Portugal, os pratos com a representação de objectos simbólicos na aba, geralmente separados por ramos de pessegueiro, encontram-se representados neste conjunto por três exemplares. De dois deles apenas dispomos de pequenos fragmentos de bordo, num dos quais é possível observar a representação de uma folha, um dos oito emblemas budistas, símbolo de bom auspício, capaz de afastar a doença e os maus espíritos (SP65-5785 e SP65-5851 – Fig. 3 A,B).

Por sua vez, o terceiro exemplar deste conjunto, a maior peça identificada nesta escavação, com cerca de 32 centímetros de diâmetro, oferece um estado de conservação extraordinário e uma carga simbólica extensa nos seus elementos decorativos, sendo possível observar na aba, delimitada em ambos os lados por fino traço a azul, três dos oito objectos preciosos, sendo eles a sapeca, símbolo de riqueza, o losango, símbolo de vitória e sucesso, e a folha, emblema budista já supra citado, todos eles envolvidos em laços (Fig. 4). No medalhão central, delimitado por duplo círculo, aparece representada uma paisagem com elementos vegetalistas, provavelmente uma paisagem aquática, onde se distingue a representação de um ramo de pessegueiro, o emblema do casamento e símbolo de imortalidade e da Primavera, sendo também o fruto sagrado taoista, e uma flor de lótus, também um dos oito emblemas budistas como símbolo de pureza, mas também importante para os taoistas pois representa um dos atributos de um dos oito imortais, a jovem He Xiangü. No tardo, a aba é decorada por ramos de ameixeira em flor, um dos três amigos do Inverno e emblema da beleza, pureza e longevidade porque se crê que Laozi nasceu sobre os seus ramos, enquanto na caldeira figura um ramo de pessegueiro com uma pequena ave pousada. Foi certamente uma peça de destaque naquele ambiente doméstico o que se pode inferir não apenas do seu tamanho, que se destacava da restante colecção de porcelanas, mas também pelo facto de apresentar evidências de reparação, vulgo gatos, revelando que o seu proprietário poderia não estar disposto a descartá-la.

Na transição do terceiro para o último quartel do século XVI, coincidindo também com a mudança dos reinados imperiais na China, do imperador Jiajing (1522-1566) e Longqing (1567-1572), cujo reinado é muito curto, para o longo reinado do imperador Wanli (1573-1619), regista-se o aumento exponencial da produção massificada de porcelana no fornos de Jingdezhen, mas também nos centros produtores das províncias do Sul da China, sobretudo em Fujian, de que não encontramos qualquer exemplar nesta colecção.

O fragmento de bordo de prato com decoração de elemento fitomórfico na superfície interna da caldeira uma nuvem estilizada no tardo, merece que nos detenhamos um pouco acerca das suas características decorativas. A ausência de um friso decorativo a emoldurar a zona mais próxima do bordo, extremamente comum nas produções desta época, associada à decoração ali existente, leva-nos a crer, com as devidas reservas que a exiguidade do frag-

mento impõe, que possamos estar perante uma decoração inspirada em peças que tinham como destino o mercado japonês (SP65-6216 – Fig. 3 C). A denominação Ko-sometsuke, de origem japonesa e que servia para designar a porcelana chinesa que chegava ao Japão, com as suas características formas irregulares e decorações livres que fugiam ao reportório formal e decorativo da porcelana chinesa exportada para os mercados do Sudeste asiático e Europa, foi ao longo da segunda metade do século XVI transportada, não em exclusivo, da China para o arquipélago nipónico, por mercadores privados portugueses.

Perante o sucesso que esta decoração obtém ao longo desse período, a sua transposição das estranhas formas destinadas ao mercado japonês, que não conheciam o mesmo sucesso no restante mercado asiático e europeu, para peças formalmente semelhantes à que aqui apresentamos, facilmente comercializáveis nesses mercados onde os mercadores privados actuavam de forma activa, pode justificar o seu consumo em Portugal.

Produzidos desde o final do reinado do imperador Jiajing, temos neste conjunto o fragmento de um prato onde se observa o medalhão central delimitado por duplo círculo, decorado com dois pequenos rochedos de onde surgem elementos vegetalistas estilizados, um pouco acima dos quais se observa parte da representação de um gamo deitado, símbolo de prosperidade e emblema da longevidade pois acredita-se ser o único animal capaz de encontrar o lingzhi, o cogumelo sagrado da imortalidade. O bordo é recortado em forma de chaveta, e a aba, larga, apresenta-se totalmente preenchida por decoração que remete para uma paisagem aquática, com a representação das linhas da água garças brancas que repousam entre vegetação aquática e flores de lótus (SP65-7879 – Fig. 3 D).

Um exemplar com decoração na aba muito semelhante a este foi recuperado perto de Vila Franca de Xira, sem contexto arqueológico associado (Casimiro e Henriques, 2017, 279, Fig.2-A) e no Palácio dos Condes de Penafiel, em Lisboa (Henriques, 2012, 923, Fig. 17).

Contemporâneo da anterior, ou já de transição para o século XVII, é o pequeno fragmento de bordo de prato em aba, decorada por pequenos compartimentos hexagonais, com representação de flores estilizadas no interior (SP65-7534 – Fig. 3 E). Peça com motivos semelhantes foi recuperadas no interior dos silos de Carnide num contexto que tem sido datado entre 1550 e 1650 (Casimiro, Boavida e Moço, 2017).

Os dois fragmentos de fundo de taça de corpo hemisférico assente em pé anelar, ambas com a representação de elemento fitmórfico estilizado, provavelmente uma peónia como motivo central, delimitado por medalhão circular desenhado por duplo círculo, constituem exemplos dos mais abundantes objectos recuperados em contextos arqueológicos nacionais (SP65-6992 e SP65-2194 – Fig. 5 A,B). Peças semelhantes foram recuperadas nos contextos arqueológicos lisboetas de Carnide, no Aljube, junto da Sé de Lisboa (Henriques, 2012, 921, Fig. 7) e no Pátio José Pedreira, junto ao Castelo de S. Jorge. A larga diacronia na produção deste tipo de decoração oferece claros desafios à sua atribuição cronológica precisa, uma vez que tanto na carga da suposta nau Espadarte (1558), como na carga do denominado Wanli wreck (provavelmente na década de 30 do século XVII), foram recuperados exemplares semelhantes (Canepa, 2015, 134, Fig. 3.1.1.8).

De finais do século XVII é o fragmento de fundo de prato com medalhão central delimitado por duplo círculo, no interior do qual se observa decoração em paisagens marítimas e pagodes representados em pequenas ilhas (SP65-4009 – Fig. 5 C). Algumas delas apresentam-se como se estivessem a levitar, o que se pode associar às imagens do paraíso penglai de tradição taoísta, tal como se observa no exemplar existente no Princesshof National Museum of Ceramics (Ströber, 2013, 168, figs. 62 e 63).

Pequeno fragmento do fundo de um prato mostra o duplo círculo que delimita o medalhão central, do qual não se observa qualquer decoração perceptível, mas é na zona de transição entre o medalhão central e a caldeira que se observa uma fina faixa decorada com motivo pseudo-epigráfico, que nos parece remeter para a palavra *Allá*, escrita em árabe, de forma muito esquematizada. São conhecidos diversos exemplares de porcelana chinesa com inscrições em árabe em coleções particulares, museus e contextos arqueológicos no médio oriente, no entanto não conhecemos nenhum exemplar em território nacional semelhante ao que aqui apresentamos (SP65-5520 – Fig. 5 D), sugerindo que não seria uma decoração muito apreciada. Este tipo de composições são comuns em pratos de finais do século XVI e início da centúria seguinte, por norma com a representação de fénix pousada no interior do medalhão central, semelhantes a exemplares recuperados nas imediações de Vila Franca (Casimiro e Henriques, 2017, 277, Fig. 1-B), no Convento de Santana em Lisboa (Gomes, Gomes e Casimiro, 2015, 99, Fig. 7.3 A-B), e também entre a carga recuperada do navio espanhol San Pedro (1595), que naufragou perto da ilha de Bermuda (Canepa, 2015, 149, Fig. 3.1.2.4).

A pequena taça decorada a azul e branco, assente em pé anelar baixo, mostra elemento vegetalista estilizado no interior de medalhão central delimitado por duplo círculo, e decoração na superfície externa, composta por pelo menos dois dragões chi opostos (SP65-6889 – Fig. 5 E). Exemplares semelhantes a este foram recuperados do naufrágio do navio espanhol San Pedro (1595) (Canepa, 2015, 149, Fig. 3.1.2.3) e do Sea Venture (1609), colocando assim este tipo de produção em pleno reinado do imperador Wanli (1573-1619) (Canepa, 2015, 253, Fig. 3.3.3.1.1). Apresenta marca em caracteres de selo, de difícil leitura, em cartela quadrangular no fundo.

No total deste conjunto apenas dispomos de um fragmento de parede de prato, fabricado a molde, onde se observa a decoração em cartelas características da denominada porcelana kraak. Este é um tipo de porcelana frequentemente identificado em Portugal em locais como Vila Franca de Xira (Casimiro e Henriques, 2017, 279, Fig. 2-B), no Palácio dos Condes de Penafiel (Henriques, 2012, 924, Fig. 19 e 20), na carga da nau Nossa Senhora dos Mártires (1606) (Coelho, 2008) ou no Terreiro do Paço, em Lisboa, neste caso já num contexto formado após o grande terramoto de 1755 (Ferreira et al, 2017, 464, Est. 1), para apenas citar os exemplos geograficamente mais próximos.

Um pequeno fragmento de fundo mostra decoração na superfície interna de impossível atribuição cronológica, enquanto no tardo se observa a existência de uma marca apócrifa do imperador Xuande (1426-1435), usuais em peças do século XVI e XVII, que devido à qualidade da sua execução se assemelhavam às produzidas durante o reinado deste imperador, quando se considerava que a produção de porcelana tinha atingido o seu auge (MMVFX ARQ.963 – Fig. 6 A). **FIGS. 2-5**

A dinastia Qing

A dinastia Qing inaugura-se com o reinado do Imperador Shunzhi (1644-1661), mas é no longo reinado de Kangxi (1662-1722) que a produção de porcelana vai conhecer um novo fulgor, após um longo período de guerra civil, durante o qual estas peças sofrem um acentuado decréscimo na produção e na qualidade. Este imperador vai proceder à reconstrução da cidade de Jingdezhen, tentando desta forma voltar a transformar este centro no mais importante abastecedor do mercado europeu e médio oriental, que durante o

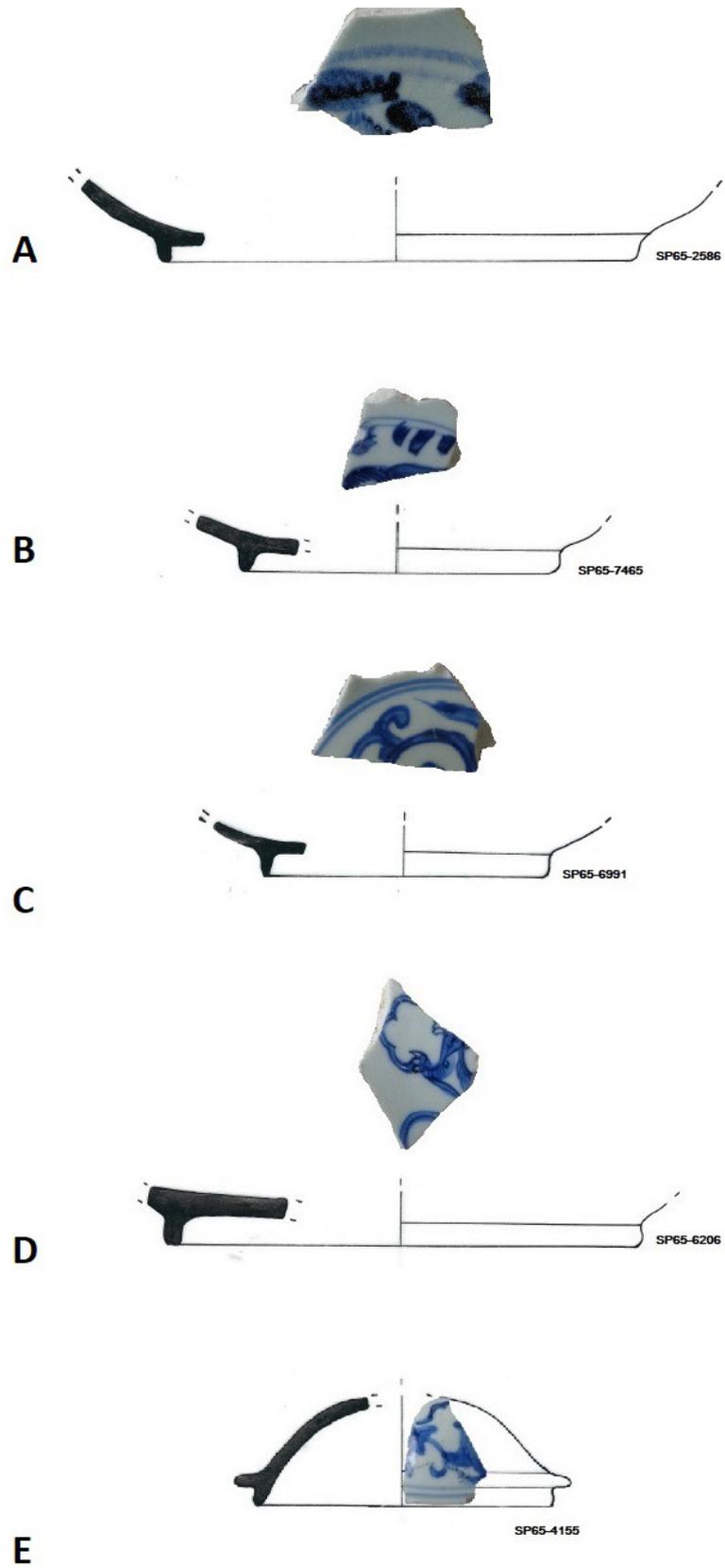


Figura 2
Porcelana Ming
recuperada na Rua
Serpa Pinto 65

0 5 CM

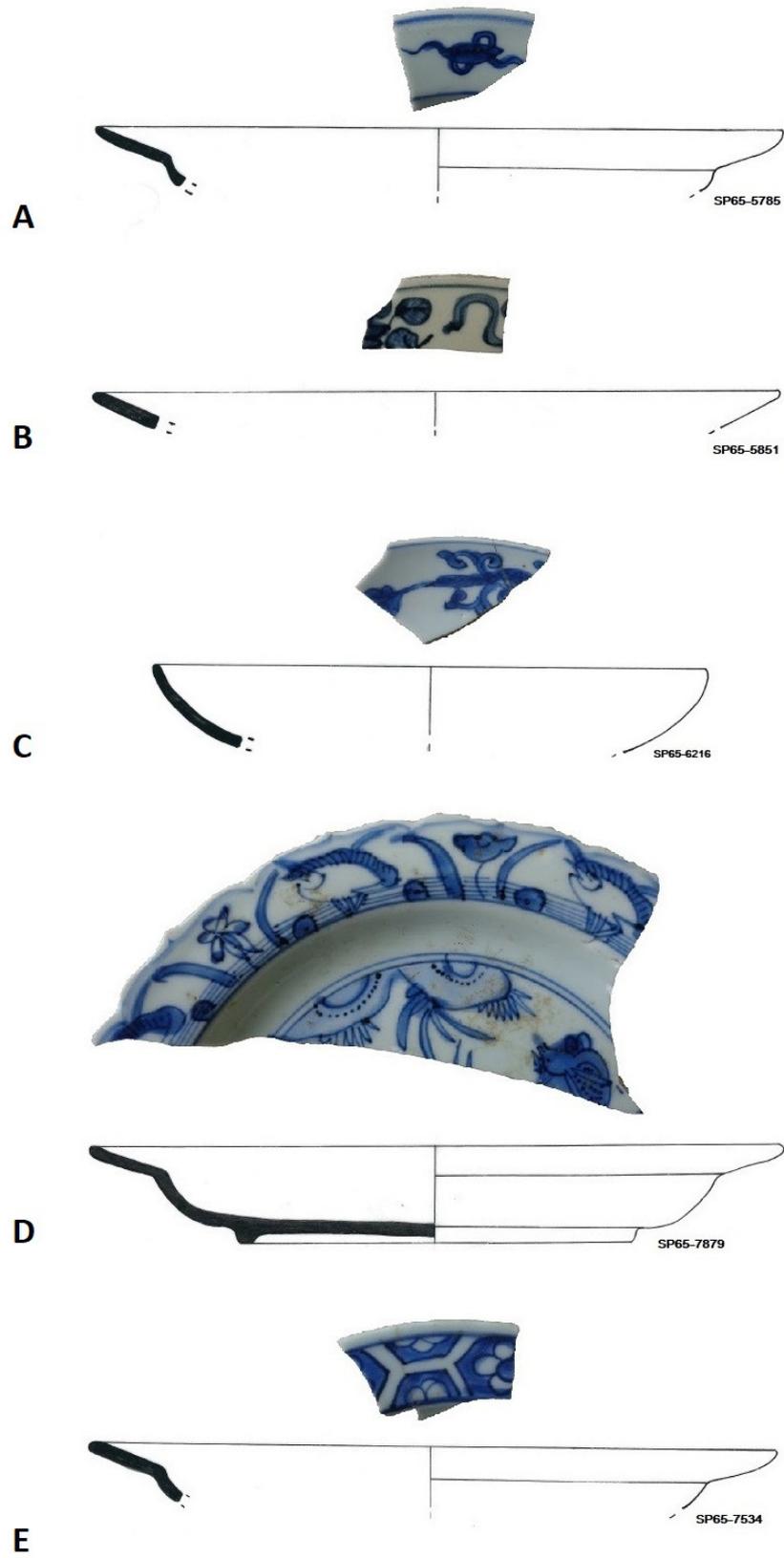


Figura 3
Porcelana Ming
recuperada na Rua
Serpa Pinto 65

0 5 CM

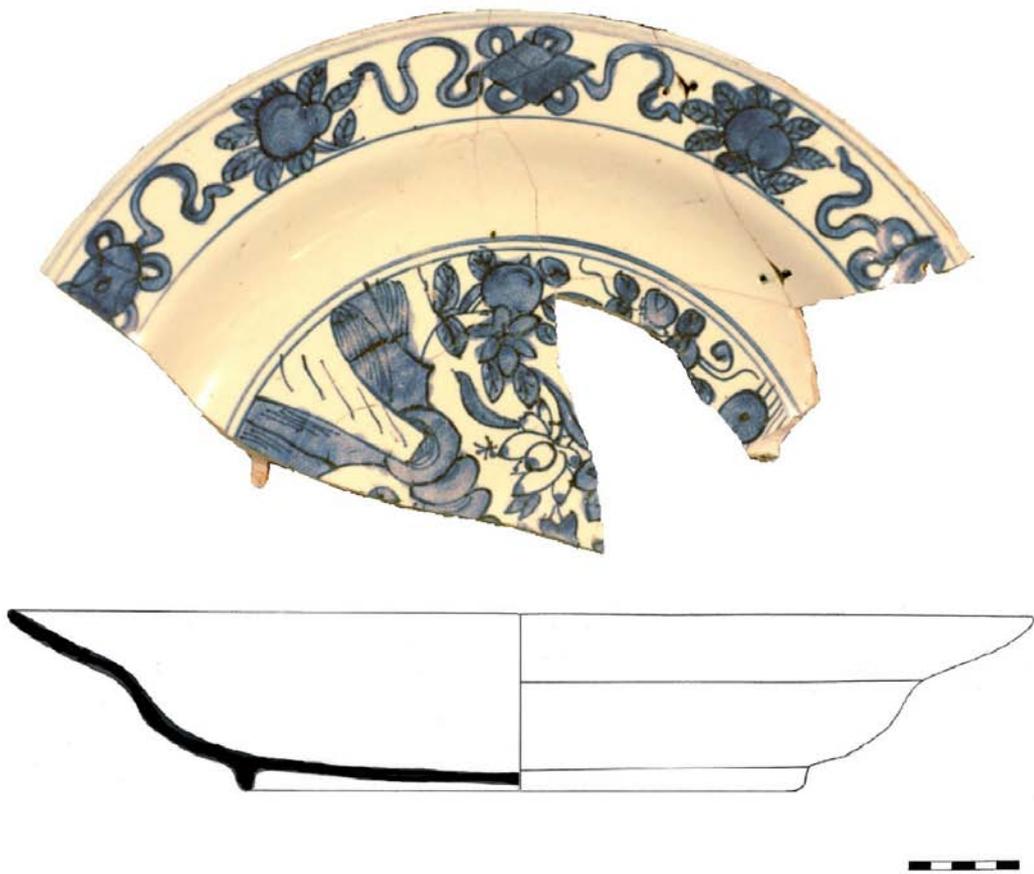


Figura 4
Prato Ming
recuperado na Rua
Serpa Pinto 65

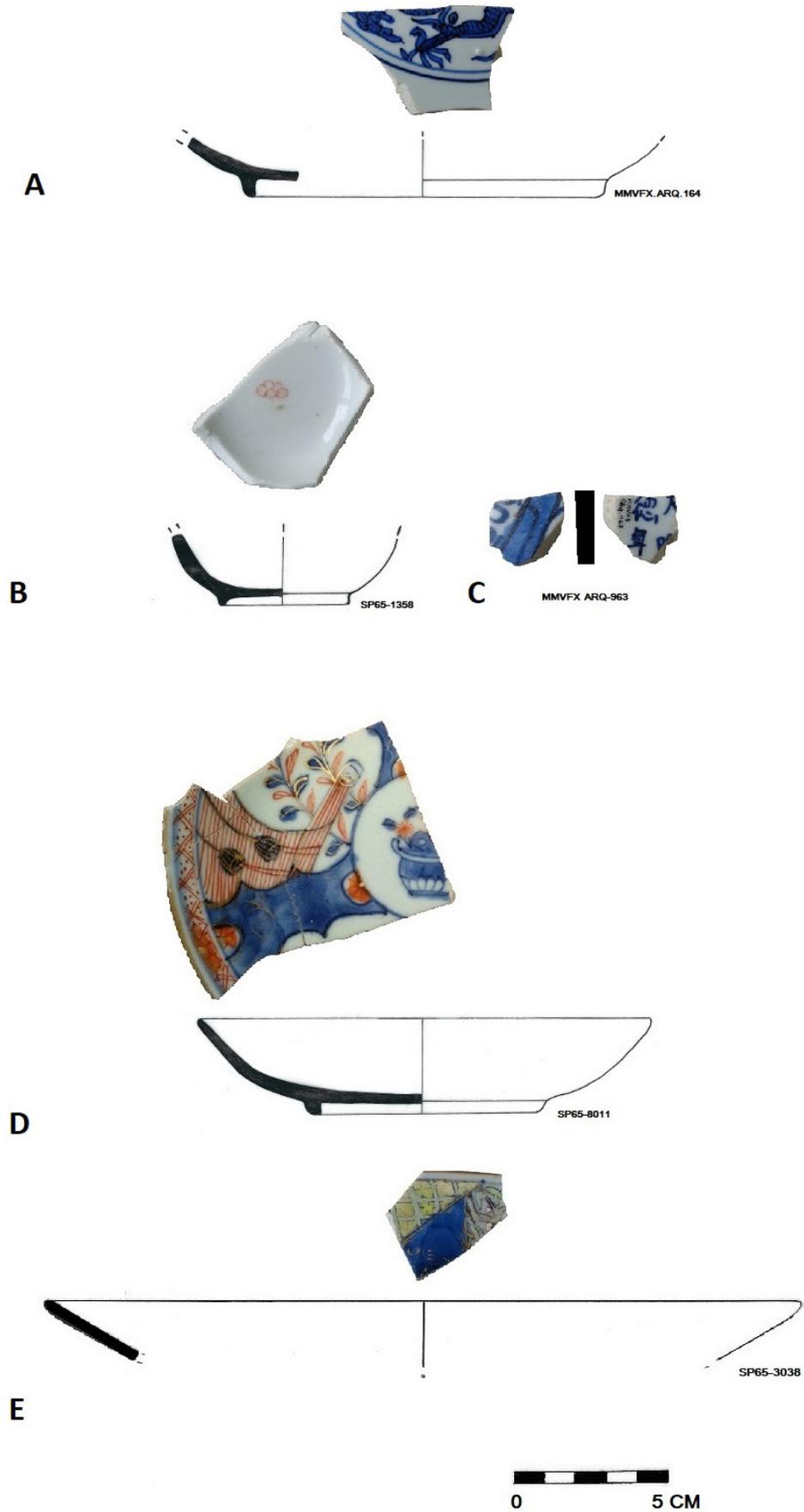


Figura 5
Porcelana Ming
recuperada na Rua
Serpa Pinto 65

período antecedente se tinha abastecido sobretudo com produções das províncias do sul da China e do Japão. Com a nomeação do eunuco Zang Yingxuan em 1683, inicia-se uma época de grande esplendor na produção de porcelana que atinge níveis de qualidade nunca antes vistos, adaptando a sua produção cada vez mais ao gosto europeu e despindo a carga simbólica dos seus elementos decorativos, recuperando assim a sua posição como principal produtor e centro exportador de porcelana.

Surgem na escavação da Rua Serpa Pinto três peças integradas neste tipo de produção, onde a policromia assume um papel de maior destaque nas importações portuguesas, o que não tinha ocorrido ao longo dos séculos XVI e XVII.

O primeiro desses exemplos é o pequeno pires decorado com esmalte vermelho e ouro sobre o vidrado, pintado nos espaços em reserva deixados pela decoração a azul sob o vidrado. A decoração é composta no centro desta peça por pequeno medalhão central de forma circular onde se observa um cesto com pequenas flores estilizadas, de onde partem quatro cartelas polilobadas, das quais apenas sobreviveram duas, preenchidas por ramos vegetalistas e um padrão de linhas horizontais pintadas a vermelho. O espaço entre estas cartelas encontra-se totalmente pintado a azul, com pequenos apontamentos decorativos a ouro entre duas meias flores opostas, uma junto ao medalhão central e outra junto da faixa decorada próximo do bordo, faixa essa preenchida por motivos cruciformes preenchidos por pequenos pontos a vermelho, e novamente meias flores estilizadas (SP65-8011 – Fig. 6 B). Este tipo de decoração é denominado por imari, pois tem a sua origem nas produções japonesas que abasteceram o mercado europeu e que vão agora ser substituídas pelas produções de Jingdezhen que conhecem a sua máxima expansão nos mercados europeus entre 1700 e 1720.

Foi recuperado fragmento de uma pequena taça, contemporâneo da anterior, provavelmente uma chávena, onde apenas se observa a pintura a vermelho de uma pequena flor estilizada no fundo com o caule pintado a esmalte de coloração verde que já praticamente desapareceu (SP65-1358 – Fig. 6 B).

Estas duas peças podiam funcionar em conjunto, embora não partilhem a mesma temática decorativa e por isso não tenham pertencido inicialmente ao mesmo serviço e desempenham uma função específica no serviço de mesa que se relaciona especificamente com uma difusão social mais alargada do consumo de chá na sociedade portuguesa do início do século XVIII. Objectos semelhantes foram recuperados no Palácio do Conde de Penafiel, em Lisboa (Henriques, 2012, 927, figs. 39, 41 e 44).

Por último, apresentamos um pequeno fragmento de bordo de prato em aba, com decoração a azul sob o vidrado, pintado com esmaltes policromos de cor verde, amarelo ouro e negro sobre o vidrado. A decoração dispõe-se aparentemente em cartelas em reserva, de um lado preenchida por ramos vegetalistas pintados a verde e delimitados a tinta-da-china e de outro por elementos geométricos quadrangulares preenchidos por esmalte de coloração amarela. O espaço entre as cartelas encontra-se totalmente preenchido a azul, pintado com pequenos apontamentos de ouros sobre o vidrado (SP65-3038 – Fig. 6 E). A exiguidade do fragmento não permite uma atribuição cronológica fiável, mas corresponderá certamente a uma produção da primeira metade do século XVIII, durante o reinado do imperador Yongzheng (1723-1735) ou já Qianlong (1736-1795). **FIG. 6**

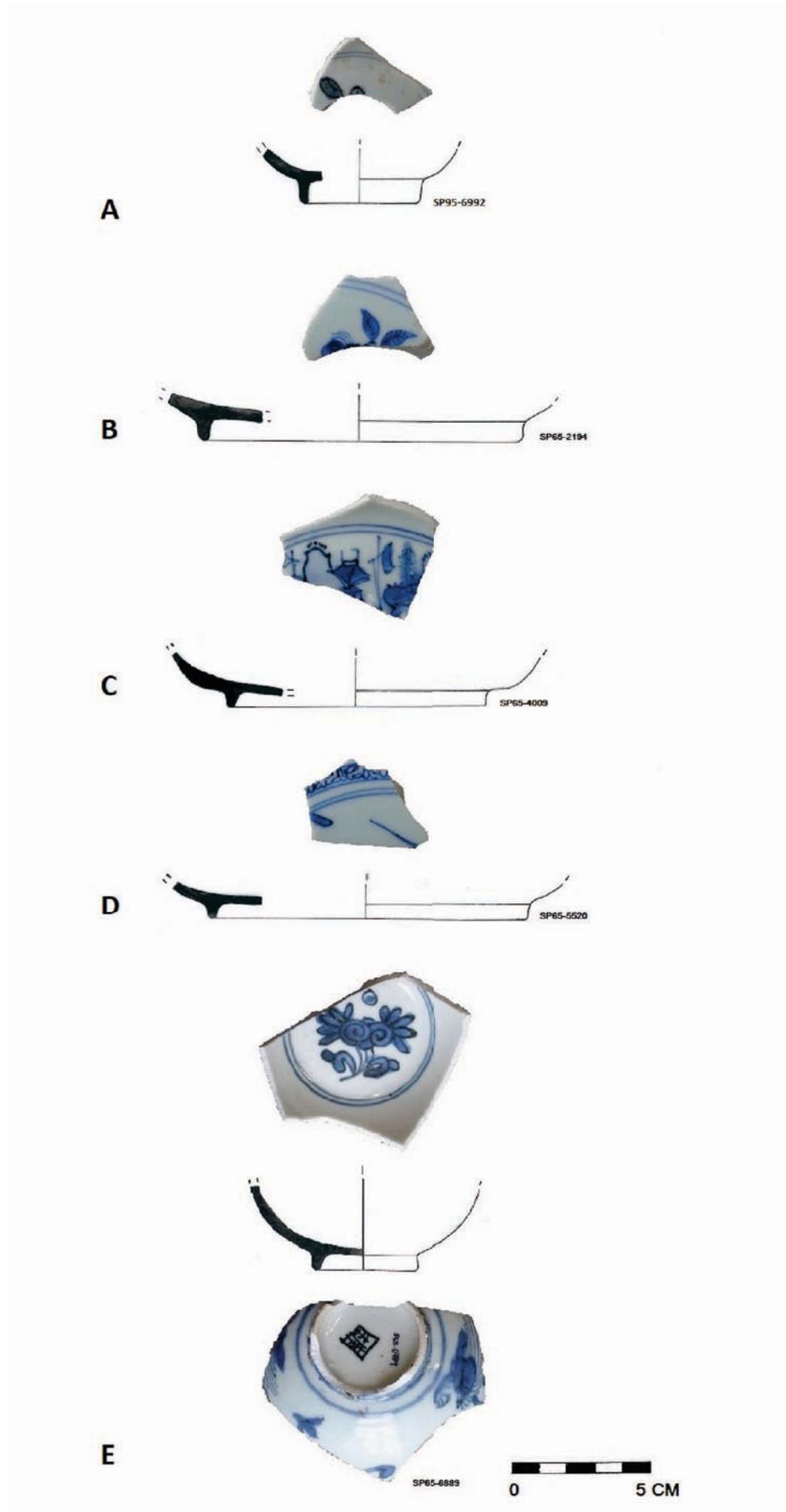


Figura 6
Porcelana Ming e Qing
recuperada na Rua
Serpa Pinto 65

Conclusão

A análise da colecção de porcelana recuperada no número 65 da Rua Serpa Pinto revelou tratar-se de um conjunto formado ao longo de quase 200 anos, obtido e utilizado por diferentes gerações. As peças mais antigas correspondem a produções Zhengde, quando a porcelana começava a entrar em grandes quantidades em Portugal, ganhando destaque como elemento de distinção social e altamente apreciada por quem tinha capacidade económica para a consumir. É o momento de maior importação destes objectos e nos ambientes domésticos irá substituir, quase por completo, importações espanholas e italianas.

As trinta e quatro peças aqui identificadas não se reflectem, em termos comparativos com outras realidades domésticas conhecidas para a cidade de Lisboa como uma colecção de grande dimensão. No entanto, destacam-se as peças de grande qualidade e primor decorativo o que pode evidenciar o carácter sócio-económico do grupo que habitou aquela casa. Longe dos grandes números de objectos recuperados em palácios no centro de Lisboa, associados a famílias nobres, a localização do sítio arqueológico na antiga Rua da Ribeira e a sua proximidade com o Tejo pode indicar estarmos perante um grupo social com algum poder económico, muito possivelmente a casa de algum mercador.

A aquisição de porcelana na zona da grande Lisboa não seria certamente difícil a partir do segundo quartel do século XVI quando o número de exemplares começa a aumentar nos circuitos comerciais, em muito devido às regulares cargas oriundas da China. O aparecimento deste material praticamente em todos os contextos arqueológicos possíveis de datar entre os séculos XVI e XVIII em Portugal mostra como a aquisição não estava apenas reservada às elites. No entanto, estes objectos, mesmo que de fácil aquisição continuavam a ocupar um lugar de destaque no ambiente familiar. Enquanto as peças mais pequenas, tais como os pratos e taças, serviriam certamente para o consumo de alimentos, já os objectos de maior dimensão e aparato poderiam ter outra funcionalidade e simbolismo para os seus proprietários. O maior prato desta colecção mostra sinais de ter sido reparado recorrendo ao lançamento de gatos, observável através de pequenas perfurações circulares em zonas de fractura, possivelmente associados a uma qualquer resina que teria funcionado como cola.

No entanto, o interesse desta peça não se esgota na sua evidente carga simbólica, que acreditamos que dificilmente seria apreendida, no seu sentido original, por aqueles que a manusearam durante o século XVI ou até mais tardiamente. Esta solução de restauro revela sem dúvida alguma que a peça foi reaproveitada após ter fracturado, provavelmente como peça de aparato a que a sua grande dimensão face ao restante conjunto aqui apresentado não deve ser alheia, ou até como peça de servir à mesa sugerindo um consumo colectivo que seria complementado individualmente pelos objectos mais pequenos ou pela faiança portuguesa. Este restauro pode ainda indicar tratar-se de uma peça estimada, que interessava manter na família.

Não se conhece em Portugal documentação acerca da venda, ou revenda, de objectos fracturados em porcelana, podendo provavelmente significar que a reparação seria encomendada pelo seu detentor, tendo em vista manter aquele objecto em sua posse. É ainda possível que o restauro se tenha efectuado após o seu descarte e fosse reaproveitada por alguém que não tinha posses de adquirir um objecto desta dimensão. Não deixa por isso de ser interessante referir que em Espanha, por outro lado, a comercialização de porcelanas fracturadas era uma realidade documentada. Cinta Krahe refere a venda de seis porcelanas partidas, que tinham previamente sido propriedade de Isabel de Portugal, casada com Carlos V, por 12 reais

(Krahe, 2016, 130), o que evidencia a transacção destes objectos danificados por um valor quase simbólico, numa Espanha onde, em meados do século XVI a porcelana não circulava em tanta abundância como em Portugal, contudo, não é evidente se a sua origem num espólio real contribuiu para essa aquisição.

Tal como já foi apontado previamente peca este trabalho por não realizar um estudo comparativo com o resto da colecção. Qual a importância económica, social e mesmo cultural que trinta e quatro objectos em porcelana, adquiridos ao longo de quase dois séculos têm na avaliação global da colecção? A maior parte deles pode ser atribuído a produções Ming, momento áureo do comércio luso-oriental e quando a sua aquisição seria relativamente fácil, mesmo em Vila Franca de Xira. As peças revelam ser de elevada qualidade o que pode indicar algum poder de compra. Por outro lado, apenas foram recuperados três objectos possíveis de atribuir à dinastia Qing e nenhum deles de excepcional destaque. A acreditar que todos eles tenham pertencido ao mesmo ambiente doméstico, ou mesmo à mesma família, que ocupou aquela casa em época anterior ao terramoto, pode isto ser indicativo de um empobrecimento económico?

Apesar de acreditarmos estar perante um ambiente doméstico com considerável poder de compra durante os séculos XVI e XVII, muitos nos surpreenderia se os ocupantes daquela casa tivessem algum título nobiliárquico. Trata-se do que acreditamos ser um mercador local, capaz de adquirir objectos de produção oriental através de Lisboa.

Muito ainda tem de ser feito antes de concluirmos acerca da importância da porcelana chinesa nos contextos domésticos portugueses dos séculos XVI, XVII e XVIII. No entanto, podemos certamente epilogar que se tratavam de objectos disponíveis a diversos estratos sociais e não apenas a nobres endinheirados. O que as evidências arqueológicas mostram é que estas peças têm sido recolhidas, em maior ou menos quantidade, em diversos tipos de casas. A sua novidade e beleza levou a que fosse altamente apreciada desde o seu aparecimento ocupando um lugar permanente nos hábitos quotidianos dos habitantes de Lisboa e arredores, reflexo de um novo mundo com o qual se contactava directamente e através do qual se adquiriam objectos que de exóticos rapidamente passaram a regulares. Eram o reflexo do império e da identidade dos habitantes da Rua da Ribeira, futura Serpa Pinto, nos inícios da modernidade.

BIBLIOGRAFIA

- AURET, C.; MAGGS, T. (1982) – The Great Ship São Bento: remains from a mid-sixteenth century Portuguese wreck on the Podoland coast, *Annals of the Natal Museum*. Pietermaritzburg. Vol. 25(1), p. 1-39.
- BARBOSA, T.; CASIMIRO, T. M.; MANAIA, R. (2009) – A late 15th century household pottery group from Aveiro (Portugal). *Medieval Ceramics*, 30, p. 119 – 136.
- CANEPA, T. (2015) – Silk, Porcelain and Lacquer. China and Japan and their trade with Western Europe and the New World. 1500-1644: A Survey of Documentary and Material Evidence, Leiden: Universiteit Leiden.
- CASIMIRO, T. M.; HENRIQUES, J. P. (2017) – Da China ao fundo do Tejo. Fragmentos de porcelana chinesa dos Séculos XVI e XVII. *CIRA-Arqueologia*. N.º 5, p. 274-282.
- CASIMIRO, T. M.; BOAVIDA, C.; MOÇO, A. M. (2017) – Louça “de fora” em Carnide (1550-1650). Estudo do consumo de cerâmica importada. *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*, p. 57-67.
- COELHO, I. (2008) – A Cerâmica Oriental da Carreira da Índia no contexto da Carga de uma Nau. A Presumível Nossa Senhora dos Mártires. Tese de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (texto policopiado).
- CUNHA, R. (2016) – O sítio e a arquitectura de uma casa quinhentista na Ribeira de Santarém: ensaio tipológico das casas urbanas de frente estreita. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*. 18, p. 13-36.
- FERREIRA, S.; NEVES, C.; MARTINS, A.; TEIXEIRA, A. (2017) – Fragmentos de mesa nobre e de uma cidade em transformação: Porcelana chinesa num contexto de terramoto na Praça do Comércio (Lisboa). *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*, p. 459-477.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V.; CASIMIRO, T. M. (2015) – Convents, monasteries and porcelain: a case study os Santana Convent. Lisbon. *Global pottery 1: Historical Archaeology and Archaeometrical for Societies in Contact*. BAR International Series. 2761, p. 93-102.
- HENRIQUES, J. P. (2012) – Do Oriente para Ocidente: Contributo para o conhecimento da porcelana chinesa nos quotidianos de época moderna. Estudo de três contextos arqueológicos de Lisboa. *Velhos e Novos Mundos*. Estudos de Arqueologia Moderna, Lisboa: CHAM, Vol.2, p. 919-932.
- KRAHE, C. (2016) – Chinese Porcelain and other Orientalia and Exotica in Spain during the Habsburg Dynasty. Madrid: CEEH.
- PINTO, M. A.; SANTOS, S. (2002) – Relatório Final Rua Serpa Pinto 65 (texto policopiado).
- RODRIGUES, S.; BOLILA, C.; FILIPE, V.; HENRIQUES, J. P.; RIBEIRO, I.; SIMÕES, S. (2012) – As cerâmicas da Idade Moderna da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, Cascais. *Velhos e Novos Mundos*. Estudos de Arqueologia Moderna. Vol. 2. Lisboa, CHAM, p. 865-876.
- STRÖBER, E. (2013) – Ming: porcelain for a globalised trade. Stuttgart: Arnoldsche. 239 p.